

# → Saúde em Casa completa seis meses de atendimento

*Programa que leva médicos à residência dos pacientes alivia situação de hospitais e beneficia moradores da zona rural do DF*

Marcelo Abreu  
Da equipe do **Correio**

O mundo despencou. As Bolsas de Valores sucumbiram. Os juros dispararam. O Real está ameaçado. Enfim, a personificação do caos. A 58 quilômetros do centro político do país, na zona rural de Nova Betânia, perto de São Sebastião, seis irmãos sequer tomaram conhecimento dessas coisas da cidade grande.

A televisão em preto-e-branco pifou há décadas. As notícias sobre esse mundo tão perto e tão distante não devem interessar muito ao seis irmãos solteirões e sem filhos. Davina, de 79 anos, José Vicente, 78, Gabriel, 76, Antônio, 72, Maria, 64 e Salvador, 63 vivem um mundo à parte. Só deles.

Nos últimos seis meses, a família Gomes tem-se surpreendido com uma visita semanal. Às vezes diária. Um médico — desses de verdade, com jaleco e estetoscópio — bate à porta da casa humilde dos irmãos Gomes. Davina pensou que estivesse vendo miragem. Benzeu-se. Não era.

Acompanhado de um equipe de auxiliar de enfermagem e agente de saúde, o visitante desembarcou de maleta e cuia na casa de Davina. A mais velha dos irmãos reclamava de dores nas pernas e na cabeça, “dessas de ferver o juízo”. Antônio — Tônico como é conhecido pela família — queixou-se de falta de apetite e cansaço. Parecia enfraquecido. Os outros tinham pressão alta.

O médico examinou minuciosamente um a um. Ouviu suas reclamações, teve tempo para eles. A última vez que Davina esteve cara a cara com um médico foi há dois anos. Os outros cinco irmãos per-

deram a conta de quantos anos não fazem uma consulta.

O homem de jaleco branco não é mais apenas o doutor que ralha com José Vicente porque ele teima em beber umas pingas de vez em quando. “É o meu afilhado”, derrete-se Davina. “A dor de cabeça passou e hoje tenho mais disposição.”

## ZONAS RURAIS

O “afilhado” de Davina trabalha no programa Saúde em Casa da Secretaria de Saúde. A proposta é simples: levar o médico até a residência do paciente, evitando, assim, o congestionamento nos centros de saúde e hospitais da rede.

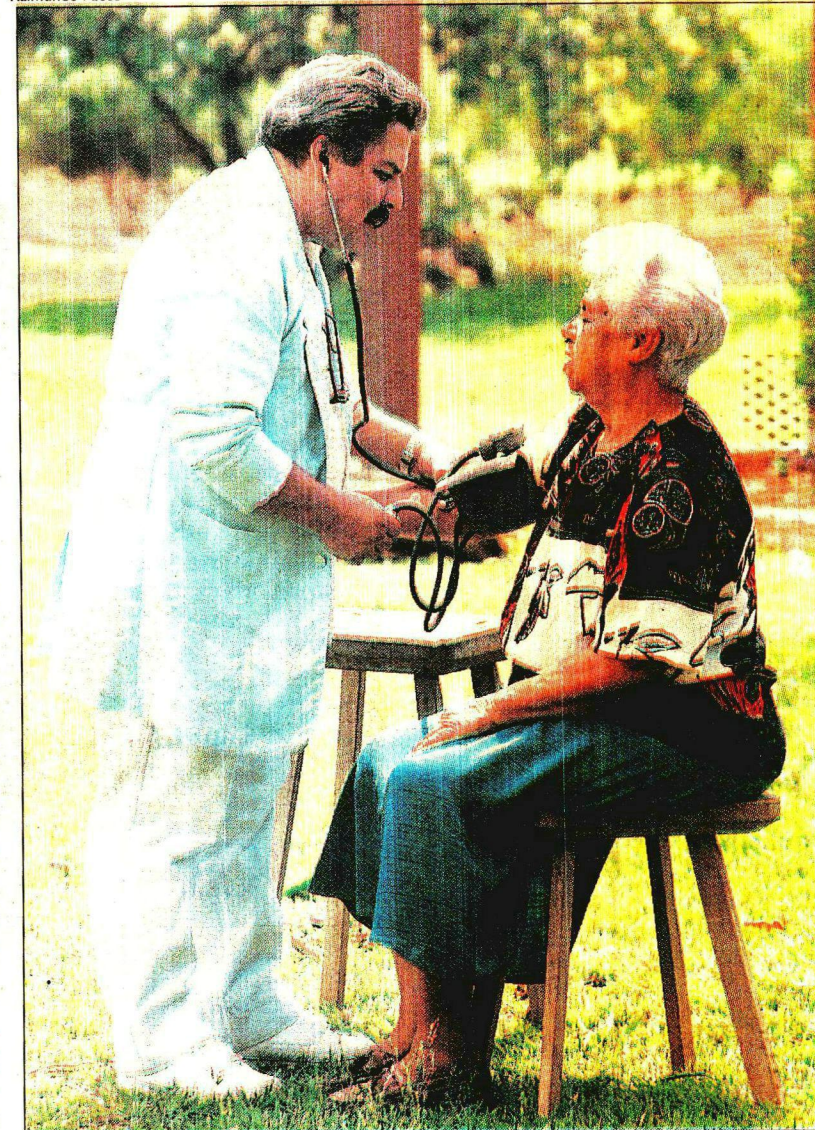
O programa — inspirado no modelo assistencial de saúde de Cuba — existe em oito cidades do Distrito Federal. Em maio chegou à zona rural de São Sebastião e hoje completa seis meses. O que era para ser uma experiência tornou-se modelo.

Com os bons resultados (nos últimos dois meses o programa contabilizou 690 atendimentos, dos quais apenas três pacientes foram encaminhados para o hospital e cinco ao centro de saúde) a Secretaria pretende levar o *Saúde em Casa* a todas as zonas rurais do Distrito Federal.

E não há milagres nem fórmulas mirabolantes. Apenas vontade de fazer. Um médico, duas enfermeiras e cinco agentes comunitários. Um local para servir de quartel-general. E só de que precisam. Os agentes (geralmente moradores da região) visitam as casas e fazem o cadastramento da população.

Quilômetros de estrada de terra, buracos, lama, mato. O socialismo de Cuba não é moleza nessas bandas de Brasil. Mas isso não desanima a equipe. “Até o último dia da

Raimundo Paccó



*Délia, 73 anos, ficou feliz com atendimento: “Tava ruim, e ele me levantou”*

minha vida quero me dedicar à medicina comunitária”, confessa o cardiologista Emanuel Martins, de 50 anos, o “afilhado” de Davina.

Aposentado — depois de 25 anos trabalhando em hospitais — Emanuel integrou a equipe do Saúde em Casa. Sai do Lago Sul todos os dias para atender uma comunidade que muitas vezes nunca viu um doutor. Percorre muitas vezes mais de 80 quilômetros.

“Você se torna mais médico. A tecnologia que dispomos são nossos olhos e ouvidos. De repente,

me vejo escutando problemas que nada têm a ver com doença. Muitas vezes eles só querem falar”, emociona-se Emanuel. A dona de casa Délia Pinto de Souza, de 73 anos, vibrou com mais uma visita do médico. “Tava ruim, ruim, e ele me levantou. Ele é um enviado de Deus”, agradece. Hipertensa controlada, ontem ela comemorava a ida ao estádio Mané Garrincha para assistir ao jogo da seleção brasileira de futebol. “Fiquei na galera, só não gostei dos palavrões”, conta.